



LEV SEMINOVICH VYGOTSKY: A APRENDIZAGEM INCLUSIVA NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Aline Pin Dalvi¹
Emília Marvila Marques²
Sandro Malanquini³
Cintia Cristina Lima Teixeira⁴

INTRODUÇÃO

A interação é essencial no desenvolvimento do ensino – aprendizagem, nas práticas educativas e sociais (VYGOTSKY, 1984). Diante disso, é fundamental compreender que há uma necessidade da troca de experiências entre crianças com necessidades especiais na sala de aula. Sendo assim, a questão norteadora para o presente estudo é: como realizar a interação das crianças com deficiência no contexto escola/sociedade.

Em uma perspectiva sócio-histórico-cultural, Vygotsky enfatiza que, em todas as situações, as condições para o atraso no desenvolvimento não são determinadas apenas pelo fator biológico, mas também pelo fator ambiental ou socio-interacional. Daí porque se torna importante também conhecer a história familiar das crianças, pois a qualidade na interação com os pais, para o desenvolvimento dessa criança, influencia nos aspectos cognitivo, linguístico e socioemocional (VOIVODIC, 2004).

A inclusão garante que todos os alunos, independentemente das suas características e diferenças, acessem a uma educação de qualidade e vivam experiências significativas. Além disso, obriga a repensar a diferença, pois cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias (BRANDAO, FERREIRA, 2013).

Ver e atender o outro considerando as suas diferenças significa inseri-lo em relações interpessoais, para que ele avance em seus processos de desenvolvimento e aprendizagem. “Quando se inicia a aprendizagem inclusiva da leitura, escrita e cálculo, as crianças necessitam de um ensino mais individualizado.” (MILANI, 2005, p. 56). Dessa forma, segundo a

¹Graduanda do Curso de Letras-Inglês do Centro Universitário São Camilo - CUSC, aline123pin@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São Camilo - CUSC, emiliamarvilamarques@gmail.com;

³Mestre em Ciências das Religiões – Faculdade Unida de Vitória – ES; Especialista em Filosofia da Religião – UFES - sandromalanquini@hotmail.com;

⁴Doutora em Produção Vegetal da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF cintiateixeira@saoacamilo-es.br.



perspectiva Vygotskyana, objetiva-se com este estudo, elucidar estratégias de inclusão e interação das crianças com necessidades especiais no contexto escola/sociedade.

METODOLOGIA

Este estudo teve como procedimento técnico uma Revisão de Literatura realizada no período de outubro a novembro de 2019 no Centro Universitário São Camilo – Espírito Santo, objetivando a elaboração de um resumo Expandido. Esta Atividade envolveu diretamente a disciplina Filosofia da Educação ministrada nos Cursos de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Pedagogia.

O levantamento bibliográfico foi feito em artigos científicos, livros e bases de dados da Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico, tendo como autores principais Lev Semionovich Vygotsky (1984/1987), Brandão e Ferreira (2013), Castro e Pimentel (2009), tendo como principais descritores: Vygotsky; Inclusão; Necessidades especiais; Ensino-aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Vygotsky (1987) pensamento e linguagem são processos interdependentes, desde o início da vida. A aquisição da linguagem pela criança modifica suas funções mentais superiores: ela dá uma forma definida ao pensamento, possibilita o aparecimento da imaginação, o uso da memória e o planejamento da ação. Neste sentido, a linguagem, diferentemente daquilo que Piaget postula, sistematiza a experiência direta das crianças e por isso adquire uma função central no desenvolvimento cognitivo, reorganizando os processos que nele estão em andamento.

Nesse sentido,

A interação com diferentes contextos comunicativos possibilita a aquisição da linguagem oral e se repercute na produção da linguagem escrita. A troca interativa com pessoas mais experientes é de suma importância, pois permite que a criança observe como as palavras são articuladas, como é feita a classificação das coisas, pessoas, objetos e animais e isso contribui para o seu entendimento do que ouve ou vê. Isso gera aos poucos um amadurecimento no raciocínio, melhorando a persistência nas ações cognitivas e motoras, tanto relativas à fala, quanto à escrita (CASTRO; PIMENTEL, 2009, p.303).

A educação de pessoas com deficiência está centrada em dois enfoques: o tradicional e o cultural-integrador. O enfoque tradicional se baseia no déficit, ou seja, nos limites que tem



a pessoa com necessidade especial de, individualmente, dar as respostas esperadas. O enfoque cultural-integrador se volta para o currículo como forma de atender às demandas trazidas para a escola para o trabalho com a diversidade. O enfoque tradicional coloca as falhas no processo de aprender como sendo um problema inerente ao aluno, resultado de sua “deficiência”. O segundo enfoque, cultural-integrador, traz para a escola o dever de dar respostas que atendam satisfatoriamente às demandas dos alunos, promovendo a modificabilidade do sujeito, ao longo do processo de desenvolvimento (BRANDAO; FERREIRA, 2013).

Para Castro e Pimentel (2009), o paradigma da inclusão defende que a escola precisa atender às necessidades educativas dos educandos que nela se inserem. Isto significa deixar de ignorar os itinerários individuais, ou melhor, passar a ouvir e ver aqueles a quem não se falava, ouvia e via. Passar a ouvi-los e vê-los significa estar disposto a buscar pistas e indícios que apontem para a melhor forma de ajudá-los a aprender.

Assim, segundo Brasil (1999), a proposta de inclusão colocou para a escola regular o desafio da atenção à diversidade e trouxe como necessidade um currículo que abrangesse o atendimento a esses alunos prevendo a inserção de todos, sem distinção de condições linguísticas, sensoriais, cognitivas, físicas, emocionais étnicas, socioeconômicas ou outras e requer sistemas educacionais planejados e organizados que deem conta da diversidade dos alunos e ofereçam respostas adequadas às suas características e necessidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola precisa estar preparada para garantir, entre outras coisas, condições de acesso a sua proposta curricular e, também, a adequação dessa proposta de forma, a atender às necessidades individuais dessa “nova” demanda de alunos. O currículo é o instrumento que a escola possui para adaptar-se às necessidades dos alunos e, portanto, necessita ser flexível e comprometido com uma educação não-segregadora, oferecendo respostas à complexidade de interesses, problemas e necessidades que acontecem na realidade educacional (CASTRO; PIMENTEL, 2009).

Isso significa que para atender à criança com necessidades especiais na escola regular, o currículo precisa ser adaptado, isto é, adequado “às maneiras peculiares de os alunos aprenderem, considerando que o processo de ensino-aprendizagem pressupõe atender a diversificação de necessidades dos alunos na escola” (BRASIL, 1999, p. 15).

Essas modificações nos diversos elementos do currículo para adequá-los às demandas dos alunos com necessidades educativas especiais podem ser feitas



para abranger a escola, a turma ou apenas um indivíduo. Também podem envolver ajuste na forma de avaliação, na metodologia, no conteúdo e no tempo. Por exemplo, “as crianças com Síndrome de Down ficam fatigadas com muita rapidez, o que prejudica sua atenção em atividades muito longas” (MILANI, 2005, p. 71).

Vygotsky atribuiu muita importância ao papel do professor como impulsionador do desenvolvimento psíquico das crianças com deficiências. A ideia central do princípio da inclusão é que todos os alunos são únicos, com as suas experiências, interesses e atitudes e é a escola que se tem de adaptar aos seus alunos, para tirar partido da diversidade existente. A diferença surge como uma mais-valia, como uma oportunidade de desenvolvimento, o que indica que adaptações curriculares são necessárias para que o seu processo de aprendizagem não fique comprometido (AINSCOW, 1999; MORATO, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de adaptação curricular vigotskiana baseia-se nos princípios de que o aprendizado movimenta o desenvolvimento, produzindo uma constante modificabilidade do sujeito e numa visão do desenvolvimento de forma prospectiva, isto é, fundamentada naquilo que pode ser feito, através da interação com outros sujeitos mais maduros da cultura (VYGOTSKY, 1998).

A perspectiva inclusiva de Vygotsky, sugere que a necessidade de aceitar a diferença implica respeitar as características, os interesses, as motivações e os projetos de vida de cada criança, o que só é possível criando estratégias e recursos educativos capazes de promover o seu desenvolvimento global (AINSCOW, 1999).

Portanto, vê-se que falar de adaptações curriculares significa falar da adaptação da escola para responder às especificidades de interação e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, promovendo modificações específicas nos elementos do currículo, a fim de adequá-lo ao processo ensino-aprendizagem, emergidas na diversidade do grupo e provenientes dos indivíduos no contexto escola/sociedade.

Palavras-chave: Vygotsky; Inclusão; Necessidades especiais; Ensino-aprendizagem.



REFERÊNCIAS

AINSCOW, M. **Understanding the development of inclusive schools**. London: Falmer Press, 1999.

BRANDAO, M. T.; FERREIRA, M. **Inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na educação infantil**. Rev. bras. educ. espec. Marília. v. 19, n. 4, p. 487- 502, 2013.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares**. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1999.

CASTRO, ASA.; PIMENTEL, SC. **Atendimento educacional específico: Síndrome de down: desafios e perspectivas na inclusão escolar**. In: DÍAZ, F., et al., orgs. Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 303-312.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MILANI, D. Down, **Síndrome de**: como – onde – quando – por quê. São Paulo: Livro Pronto: 2005.

MORATO, P. Mais ética, menos estética. Contributo para uma cultura da inclusão. **Revista de Educação Especial e Reabilitação**, v.10, n.1, 2003.

VOIVODIC, M. A. M. A. **Inclusão escolar de crianças de crianças com Síndrome de Down**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**, São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.